

MARCAS POLIFÔNICAS E O USO DA IRONIA EM “A AUDÁCIA”

Diva Cleide CALLES (Centro Universitário São Camilo/PG-USP)

ABSTRACT: *The purpose of this paper is to examine the other inserted in a given text, i.e., under the theoretical reference of the heterogeneity, the voices behind the announcer's speech, the integration with the announcer's discourse. The corpus is a chronicle by Luis Fernando Veríssimo, in which polyphony, especially by the use of irony, is underlined as a device to build up meaning.*

KEYWORDS: *Discourse Analysis; polyphony; irony; heterogeneity.*

0. Introdução

O objetivo deste trabalho é examinar a presença de marcas lingüístico-discursivas que apontam a presença do *outro* no discurso, atravessado por discursos outros, denunciando a presença de diversas vozes em uma só voz. Tendo como *corpus* uma crônica de Luís Fernando Veríssimo, *A Audácia*¹, partiremos da noção de um discurso dando conta de uma enunciação heterogênea, especialmente pelo uso da ironia, que incide, das mais variadas formas, sobre o texto.

1. Perspectiva Teórica

Temos, nesta crônica, discursos vários se cruzando, produzidos por um locutor e, ao mesmo tempo, por um enunciador cuja voz está presente na enunciação sem que se lhe possa atribuir o mesmo ponto de vista do sujeito que enuncia. Isto é, o *locutor* assume as palavras, mas não o ponto de vista que elas representam². Conforme Ducrot, há polifonia quando é possível distinguir em uma enunciação o *enunciador* e o *locutor* (um *eu* responsável pelo enunciado, não necessariamente coincidente com os pontos de vista aí representados). Ducrot pressupõe assim a existência de vozes expostas por diferentes enunciadores (E₁, E₂, etc.) no enunciado cuja responsabilidade locutiva é imputada a um único locutor.

Em “A Audácia”, o *outro* construído no discurso se revela por diferentes enunciadores. Trata-se de um texto todo construído de frases feitas, estereótipos, em que o locutor se vale de verdades consagradas e de domínio público, reproduz mitos e ideologias vigentes, advindas de preconceitos e de discursos constituídos, onde se traduzem o *ethos* e valores que perpassam a imagem de um sujeito individual. Estes

¹ Luís Fernando Veríssimo, “A Audácia”, *O Globo*, 15/10/02.

² De acordo com Maingueneau, as formações discursivas apresentam uma relação radical do “interior” do discurso com seu “exterior”, com elas mesmas e com o exterior. Assim, a heterogeneidade do discurso incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação (heterogeneidade mostrada, ou, conforme Jaqueline Authier-Revuz, heterogeneidade mostrada); ou não marcada em superfície, mas que a AD pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva (heterogeneidade constitutiva).

enunciados já conhecidos por uma coletividade e que, de certa maneira e em certos contextos, gozam o privilégio da intangibilidade provocam repercussões que se revestem de um caráter de verossimilhança, sobre os quais pesam coerções muito fortes. Enunciados irônicos fazem ecoar uma voz diferente da do locutor, a voz de um enunciador que manifesta um ponto de vista insustentável, num processo de distanciamento entre as palavras e o locutor³. Por baixo da voz do locutor há um enunciador que aponta algo absurdo, paradoxal, reproduzindo formações discursivas inseridas no discurso preconceituoso, estabelecendo dessa forma uma polêmica entre duas vozes, representando dois mundos em confronto.

2. Marcas de polifonia na crônica de Verissimo

Pela estratégia da ironia, o *locutor* distancia-se de uma voz implícita, dando a conhecer uma marca de alteridade e, ratificando que esta voz não é mais sua, deixa de ser responsável pelos pontos de vista por ela assumidos. Esse locutor não se expressa por um *eu*, sujeito individual, mas por um *nós*, sujeito coletivo. Na superfície discursiva, a fala do *outro* se apresenta na fala do *locutor* que se apropria de enunciados do discurso preconceituoso, como frases feitas, estereótipos, pré e pós-existentes à enunciação do texto, a seguir reproduzido.

Quem o Lula pensa que é, tomando Romanée-Conti? Gente! O que é isso? Onde é que estamos? Romanée-Conti não é pro teu bico não, ó retirante. Vê se te enxerga, ó pau-de-arara. O teu negócio é cachaça. O teu negócio é prato-feito e cervo e olhe lá. A audácia do Lula!

Hoje tomam Romanée-Conti, amanhã vão querer o quê? No mínimo se achar iguais a nós. Pedir os mesmos direitos. Viver como a gente, que tem berço, que tem classe, que tem bom gosto e, portanto, merece o melhor. E nós sabemos como isso acaba. Logo, logo vão estar querendo subir pelo elevador social.

O Lula tomando Romanée-Conti... Ora faça-me o favor. Que coisa grotesca. Que coisa ridícula. Que acãnte. Que escândalo. E que desperdício. Vai ver ele não sabe nem pronunciar o nome, quanto mais apreciar o sabor. Vai ver derramou um pouco pro santo, na toalha. Romanée-Conti não é pra gentinha, não, Lula. As coisas boas da vida são para as pessoas finas do mundo, não pra pé-rapado que bota gravata e acha que é doutor. Muito menos pra pé-rapado brasileiro.

Está bom, foi só um gole. Mas é assim que começa. Hoje toma um gole de Romanée-Conti, amanhã estão com delírio de grandeza, pedindo

³ Falar de modo irônico é, para um locutor L, apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador E. L não é assimilado a E, os pontos de vista manifestados nas palavras são atribuídos a esta outra personagem. É essencial à ironia que L não cotoque e cene com outro enunciador, E', que sustentaria o ponto de vista razoável. Segundo Ducrot: "um discurso irônico consiste sempre em fazer dizer, por alguém diferente do *locutor*, coisas evidentemente absurdas, a fazer ouvir uma voz que não é a do *locutor* e que sustenta o insustentável" (Ducrot, 1987:216).

saneamento básico, habitação decente, oportunidade de trabalho e até – *gentinha* metida a grande coisa não sabe quando parar – mais saúde pública, mais igualdade e caviar. Enfim, essas coisas que intelectual comunista põe na cabeça deles. Sim, porque a índole natural da nossa *gentinha*, em geral, é boa. Se pudessem escolher, escolheriam angu aguado e vinho Boca Negra, coisas autênticas, às vezes mortais, mas pitorescas. Como eles, que até hoje nunca tinham incomodado ninguém, que até hoje conheciam o seu lugar. Agora, depois da *gentinha* provar Romanée-Conti, ninguém sabe o que pode acontecer neste país. Deram álcool para os índios! Nenhum branco está mais seguro.

O Lula tomando Romanée-Conti... É o cúmulo. É uma inversão completa dos valores sob os quais nos criamos, segundo os quais se Deus quis esse que os pobres tomassem vinho de rico daria uma ajuda de custo. É o fim de qualquer hierarquia social, portanto o caos. Ainda bem que ainda existem patriotas alertas para denunciar o ridículo, o acinte, o escândalo, e chamar o Lula de volta à humanidade. Para mandar o Lula se enxergar.

Sim, porque hoje é Romanée-Conti e amanhã pode ser até a Presidência da República. *Gentinha* que não conhece o seu lugar é capaz de tudo.

O apagamento das pessoas ocorre por uma captação dos chavões, lugares-comuns, crenças, determinados valores socialmente aceitos como éticos, adequados e inquestionáveis, todo um conjunto não vinculado a um *eu* e a um *tu* particulares, uma vez que considerado verdadeiro em quaisquer circunstâncias (Maingueneau, 2002:126 a 131)⁴.

Em *A Audácia*, conforme a imagem que se constrói do referente, a dêixis enunciativa se manifesta por: a) um sujeito indeterminado, genérico - correspondente ao *on* francês - nós, a *gente* (*gente de berço, de classe, de bom gosto, merecedora do melhor*); b) *tu*, leitor genérico, que pode ou não assimilar a perspectiva preconceituosa (às vezes, o *tu* aparece como que se dirigindo ao Lula, simulando a representação da interpelação, forma comum no discurso oral); c) *ele*, referindo-se a Lula, tematizado como: *retirante, pau-de-arara, pé-rapado, pé-rapado brasileiro, pé-rapado que bota gravata e acha que é doutor; e eles coletivo, aqueles cuja classe social Lula simboliza*. Sobre o emprego de *gente*, verificamos a presença de dois referentes: por um lado, *gente* indica o destinatário - enunciatário, leitor do texto -, por outro, os *patriotas alertas* - entre os quais se pode depreender Elio Gaspari. Ao contrário, *gentinha* alude a *ele, Lula*,

⁴ A relação entre a dêixis enunciativa (o emprego das pessoas do discurso) e o *ethos* se expressa por índices de distanciamento, em que o sujeito encerra, em seu interior, o *on* que sustenta sua formação discursiva, manifestam-se pelo *apagamento* das fronteiras entre as posições de 1ª, 2ª e 3ª pessoas: o que é designado por um *on* é apreendido como subjetividade fora da relação enunciativa, não participante da enunciação. Ocupa-se o lugar dele(s), sem, no entanto, abandonar a posição de observador, colocando-se na fronteira entre um ponto de vista exterior e o ponto de vista do *eles* coletivo. Em contrapartida, designando não uma soma de indivíduos, mas um sujeito coletivo compacto, o embeante *nós* não consiste efetivamente numa coleção de *eus*, mas um *eu* expandido para além da pessoa estrita, ao mesmo tempo, aumentado e com contornos vagos.

e ao *eles* coletivo, os *pobres, sem classe, gentinha metida a grande coisa, índio*. Estas vozes do texto possibilitam um diálogo que sustenta a rejeição dos *escolhidos* em relação à *gentinha*. No nível lexical, destaca-se o emprego de fraseologias, idiomatismos, expressões pertencentes ao discurso preconceituoso, como: “amanhã estão com mania de grandeza, pedindo saneamento básico, habitação decente, oportunidade de trabalho e até – gentinha metida a grande coisa não sabe quando parar – mais saúde pública, mais igualdade e caviar”, ou ainda, “Se pudessem escolher, escolheriam (...) coisas autênticas, às vezes mortais, mas pitorescas”, entre outras.

A seguir, expomos esquematicamente como esta dêixis discursiva mobiliza dialógicamente dois mundos opostos.

. Vinho, Romanée-Conti	. Cerva, vinho Boca Negra
. caviar	. prato-feito; angu aguado; coisas autênticas, mortais, mas pitorescas
. ter berço, classe, bom gosto e merecer o melhor	. não saber pronunciar, dizer o nome ou saborear, derramar um pouco pro santo
. valores sob os quais nos criamos	. inversão completa de valores, o ridículo, o acinte, o escândalo, o cúmulo, coisa grotesca, coisa ridícula, acinte, desperdício
. hierarquia social e manter a ordem social	. caos social = subir pelo elevador social, saneamento básico, habitação decente, oportunidade de trabalho e até mais saúde pública, mais igualdade, a Presidência da República, tomar Romanée-Conti
. ricos	. pobres
. patriotas alertas	. intelectual comunista
. nenhum branco	. índios
. Deus	. humanidade
. gentinha, gentinha metida a grande coisa, de índole natural (da gentinha) em geral boa = nunca tinham incomodado ninguém, que até hoje conheciam o seu lugar	. pessoas finas do mundo, gente, que tem berço, que tem classe, que tem bom gosto e portanto merece o melhor

Vários recursos seriam facilitadores de uma maior proximidade com o destinatário do discurso, como linguagem coloquial, marcas de oralidade e desvios da norma padrão. Estrategicamente, o autor encontra brechas na língua, apresenta alternativas ao enunciatário para ler nos entremeios, brinca com as palavras, joga com os sentidos, vale-se da ambigüidade e da duplicidade de idéias, traz, na enunciação irônica, o discurso do *outro* para o *seu*, fazendo prevalecer na superfície discursiva o *outro* que sustenta o absurdo. Entretanto, como a voz irônica sempre critica e anula o *outro*, no confronto de formações discursivas, há uma não-coincidência, um estranhamento, do sujeito enunciatário em relação à sua própria enunciação.

Materializada no enunciado, fruto da polêmica de duas posições enunciativas, temos uma formação discursiva representada pelo *posto* e uma segunda, pelo *pressuposto*. O leitor preenche (ou não) as possibilidades criadas pelo autor, multiplica as opções de leitura, oferece novos caminhos. Antecipando-se à representação imaginária do enunciatário-leitor ao se identificar com o enunciador, o autor subentende e institui em seu texto um certo leitor, hábil para interpretar seu discurso. Nem todos, contudo, enquadram-se ao leitor-modelo previsto, capaz de ultrapassar o sentido literal da enunciação⁵.

Pelo caráter documental, a crônica lida com assuntos e fatos da atualidade, supostamente conhecidos dos leitores. Entretanto, determinados leitores se indignaram com a suposta postura elitista do autor; outros lhe manifestaram apoio. Nos dois casos, não se verificou uma relação de cumplicidade autor-texto-leitor. Na verdade, a ironia pressupõe a existência, na superfície lingüística, de um enunciado que deve ser lido no seu avesso, e no qual o enunciador fornece outro enunciado. Desta maneira, o uso da ironia mobiliza um conceito de implícito, do pressuposto, um conhecimento de mundo, um conhecimento partilhado, entre outros, que não comprometam a compreensão daquilo a ser veiculado pelo discurso⁶.

Por trás de uma voz irônica, postulamos também a existência de uma voz *paródica*, que remete a dois contextos de enunciação, cada um deles com seus diferentes sujeitos, tomando direções contrárias. Neste sentido, apresentam-se, ao mesmo tempo, as vozes do texto de origem (o de Gaspari) e aquelas do texto *paródico* propriamente dito (o de Veríssimo). Não há menção explícita ao texto de origem, mas o texto paródico não oculta totalmente o discurso parodiado, melhor dizendo, há uma alusão subliminar a ele. Se pensarmos esta crônica como estruturada em torno de um *sujeito paródico*, temos um sujeito naturalmente duplo, já que a paródia é fruto de um trabalho de reconstrução operado sobre um texto já existente. Este poderia também ser considerado um *sujeito irônico* (ou coincidiria com este sujeito), visto que a ironia precede a paródia como forma acabada de escritura. Desta forma, elaborado sobre a destruição de um texto de origem implícito, no qual há também outros sujeitos, o texto

⁵ A ironia suscita a ambigüidade, subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não é pelo *locutor* e permite ao autor da enunciação dirigir-se simultaneamente, com os mesmos enunciados, a destinatários diferentes, desqualificar e ridicularizar os que pensam que Romanée-Conti não é para todos, apenas para os *de berço*, além de atingir o enunciador do texto gerador e desencadeador deste, Elio Gaspari, jornalista de *O Globo* e *O Estado de São Paulo*. Gaspari é autor de *Lula 2002 toma Romanée-Conti 1997 e começa a jogar seu patrimônio político pela janela* (9/10/02), condena o fato de o candidato às eleições presidenciais, Luís Inácio Lula da Silva, ter tomado, a pretexto da vitória no primeiro turno, o caríssimo vinho Romanée-Conti, de dois mil dólares a garrafa.

⁶ Cartas dos leitores (*O Globo*, 17 e 18/10/02) indicam que nem todos estes enunciatários *desenhados* pelo autor captaram os discursos transversos e o exterior lingüístico inseridos em *A Audácia*, a ponto de Luís Fernando Veríssimo chegar a escrever outra crônica, *Da ironia* (*O Globo*, 19/10/02), na qual trata dos entres de se produzir um texto fundamentado na ironia. Em torno da polêmica Lula, Romanée-Conti e a crônica de Veríssimo, vários jornalistas se manifestaram evidenciando estratégias de produção discursiva em intertextos e discursos pertencentes a outros textos e discursos.

paródico revela o *outro* no discurso parodiado e manifesta, pela presença de vozes diversas, a noção de polifonia.

3. Considerações Finais

Tendo em vista que uma formação discursiva sempre coloca em jogo mais de um discurso, não sendo possível definir um dos discursos sem remeter a outro, de forma análoga, o discurso se instaura numa perspectiva plurivalente de sentidos e há nele espaço de trocas entre vários discursos. Tem-se, deste modo, não somente a voz daquele que o produziu, mas também as vozes daqueles que já o habitavam e de todos os outros que o habitarão como o *outro* e o destinatário: leitores, espectadores ou ouvintes. Coloca-se, na cena enunciativa, a problemática da alteridade: o sentido constrói-se sempre na relação com o *outro*. Nesta perspectiva, a identidade discursiva também é estabelecida por sua relação de confronto e/ou adesão a vários outros discursos.

RESUMO: *Este trabalho examina o outro inserido num dado texto, i.e., as vozes na fala do enunciatador, a integração dos interdiscursos ao discurso do enunciatador, sob a perspectiva da heterogeneidade. Como corpus, tomamos uma crônica de Luís Fernando Veríssimo, em que se destacam as marcas polifônicas, sobretudo o uso da ironia como estratégia para a construção de sentido(s).*

PALAVRAS-CHAVE: *Análise do Discurso; polifonia; ironia; heterogeneidade.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. (1990) “Heterogeneidades enunciativas” In: Cadernos de Estudos Lingüísticos 19, IEL UNICAMP, (19): 25-42, jul./dez.
- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov V. N. -1929). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, São Paulo, Hucitec, 1999, 6ª edição.
- BRAIT, B. “A construção do sentido: um exemplo fotográfico persuasivo” In: Língua e literatura - Revista do Departamento de Letras da FFLCH/USP. Nº 21- 1994 /1995. São Paulo: FFLCH/USP.
- _____. “Análise do discurso e argumentação: o exemplo da ironia” In: MARI, Hugo; PIRES, Sueli; CRUZ, Amadeu Roselli e MACHADO, Ida Lúcia (orgs.) Fundamentos e dimensões da Análise do Discurso. Belo Horizonte: Carol Borges Editora - Núcleo de Análise do Discurso. Fale - UFMG, 1999.
- BRANDÃO, H. Nagamine. “Pragmática Lingüística: delimitações e objetivos”. In: MOSCA (org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 1997.
- _____. “O discurso: uma abordagem pragmático-enunciativa” In: ZANDWAIS, A. (Org.). *Relações entre pragmática e enunciação*. PA, Ed. Sagra Luzzatto, 2002.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- _____. *Princípios de Semântica Lingüística; dizer e não dizer*. São Paulo, Cultrix, 1972.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Genèses du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1985.
- _____. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Termos-chave da Análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

7